

**amor ais 1**  
francisco providência





**amor ais 1**

francisco providência

**textos**

José Leite Pereira

Eduardo Jorge Madureira Lopes

Graça Magalhães

Francisco Providência

**impressão**

molográfica

2016 © todos os direitos reservados

francisco providência

**amor ais 1**



Entre 2006 e 2011 Francisco Providência teve presença diária na secção de opinião do Jornal de Notícias, ilustrando os textos dos seus convidados.

Essas ilustrações, realizadas no limite da escassez de meios a esferográfica sobre papel A4, eram produzidas sob a tensão da corrida contra o tempo, muitas vezes em breves minutos e posteriormente enviadas por fax, para a redacção.

As ilustrações que se reproduzem, infelizmente desvinculadas dos textos que lhes deram origem, são resultado desse exercício limite que atacava o autor ao final de cada dia, qualquer que fosse o lugar em que se encontrava.



## prova de vida

Só a simpatia e a boa educação do Francisco Providência o poderão ter levado a que me pedisse para escrever uma nota sobre este seu livro de recolha de ilustrações, assinalando 25 anos de carreira. Conhecendo-me melhor, o Francisco ter-se-ia ficado por um convite para a sessão de lançamento da Colectânea, pois saberia que eu sou, em matéria de arte, quase um cego, por isso mesmo incapaz de alinhar duas linhas sobre pintura, escultura, desenho... O que aqui posso deixar é um testemunho inequívoco de enorme apreço por uma colaboração diária com o Jornal de Notícias que já leva uns anos, praticamente cinco, que teve apenas uma falha - de que eu me lembro só porque o Francisco, um dia, ficou de tal forma incomodado por não ter conseguido ultrapassar um contra-tempo que se desfez em mil desculpas. Uma falha, em quase dois mil dias! Uma verdadeira prova de vida.

Foi há cinco anos que Francisco Providência entrou no JN. Henrique Cayatte recomendara-o para trabalhar connosco

num ligeiro refrescamento de que o jornal necessitava. Reconhecemos-lhe, nessa altura, método, organização e, sobretudo, uma forma de estar invulgar.

O Francisco não nos impôs nada, foi conversando connosco e foi por isso natural quem nem tivéssemos acolhido todas as alterações que nos sugeriu. Mas ainda hoje, algum do seu trabalho está nas nossas páginas.

Foi no final desse trabalho que Alfredo Leite, que de perto acompanhara o refrescamento do grafismo do JN, sugeriu que Francisco Providência passasse a ilustrar uma das crónicas diárias das nossas páginas de Opinião.

Desde sempre nos jornais, mais nuns que noutros, houve uma convivência grande de gente vinda de partes distintas. Também o JN sempre soube, foi até em alguns casos, pioneiro, receber e trabalhar com artistas de outros ofícios, pelo que o convite ao Francisco Providência vindo nessa linha beneficiava ainda do facto de o seu curriculum, reconhecidamente rico, prestigiar o jornal.



E assim tem sido. Nem um só dos cronistas me chamou a atenção para qualquer exagero na ilustração que acompanha a crónica. E muitos são os que já manifestaram apreço pelo traço rápido do Francisco no meio das suas crónicas. Todos os dias, vai para o fax dele uma cópia da crónica e ao fim do dia o seu trabalho está connosco. Que posso dizer? Que se o Francisco gosta de colaborar com o Jornal de Notícias então é seguro que o leitor sempre o encontrará nas nossas páginas de Opinião. Porque gostamos deste casamento com gente de outras partidas mas, agora, também por uma razão mais: porque gostamos muito dele e do seu trabalho. E até eu, incapaz como sou de alinhar duas linhas sobre pintura, escultura, desenho... afirmo sem reticências que o traço do Francisco é único.

José Leite Pereira, director do JN, 2010

## hoje na página 12

Seleccionando, entre o que acontece longe e o que ocorre perto, aquilo que importa saber de cada dia, os jornais apresentam ao leitor uma proposta de atenção.

É verdade que, como se sabe, não raras vezes, o que é exibido se inscreve no que é da ordem da distração, mas, mesmo quando tal sucede, é possível indagar, ainda que com um suplemento de esforço, o que, voluntária ou involuntariamente, se encontra soterrado sob espessas camadas de notícias.

As propostas de atenção, que podem ser corroboradas ou atiradas para um canto pelos textos de opinião, são configuradas com a ajuda de imagens de diferentes géneros, de fotografias, de cartoons, de ilustrações diversas. Os desenhos de Francisco Providência cabem mal na categoria de ilustrações. De facto, ao contrário do que provavelmente se suporá, eles não servem para ilustrar os textos que lhes são vizinhos, eles vão buscar o que de melhor neles se puder encontrar para inventar um ícone para cada dia.

O trabalho realizado produz, assim, o efeito

de inverter a ordem jornalística habitual, fazendo com que as imagens instem os textos a tomar a condição de legendas. Singular – e bem sucedida – aposta do Jornal de Notícias, estes desenhos, sem mestres nem epígonos na imprensa portuguesa, são uma espécie de photo finish de todos os dias, revelando o quotidiano vencedor da corrida incessante dos acontecimentos. Sente-se nestes desenhos uma pressa, que encontra na velocidade do traço uma correspondência da velocidade do mundo. A aceleração poderia impor um contorno de conteúdo vago, tal e qual muitas ocorrências nos são expostas, mas não, os desenhos surgem repletos de traços, que, na sua arguta minúcia, insistem em lembrar que assim é também o mundo, carregado de enredos e riscos.

Ao contrário de outras imagens, dos cartoons, por exemplo, estes desenhos não têm uma moralidade para oferecer. Em vez disso, eles vêm dizendo, desde 14 de Março de 2006, que, para entender o mundo, é preciso olhar, compreender

e seguir as voltas dadas pela mão que segurou a caneta. Eles insistem, portanto, em lembrar, quotidianamente, que se impõe estar atento a todos os detalhes. Os admiráveis desenhos de Francisco Providência deveriam deixar uma marca nas outras páginas do jornal, não pelo sobressalto de uma imperfeição técnica, mas como um sulco de atenção que fosse necessário estar sempre a abrir para semear o que houver de memória futura.

Eduardo Jorge Madureira Lopes, jornalista

## a generosidade do desenho

a ausência que permite múltiplas presenças

Tendo a grata oportunidade de comentar os desenhos que aqui são apresentados poderia começar por identificar os argumentos que eles suscitam, a sua caracterização formal, gráfica ou gestual, a validação de conteúdos ou mesmo a continuidade ou descontinuidade temporal das imagens apresentadas. No entanto, sabendo que a condição do discurso é inversamente proporcional à eloquência do desenho..., - prova-o a realidade do que nos é proporcionado aqui ver - fá-lo-ei através da experiência de quem, quase sempre, diariamente, procura no JN o desenho da página de opinião. Por comparação com as imagens da escrita fonética consideradas como a abstracção do significado que se quer representar o desenho é um método mais directo. Enquanto escrever representa a 'morte do acontecimento' (da escrita), desenhar a partir da escrita pode ser a tentativa de abolição do grau de abstracção da percepção do acontecimento. Desenhar a partir da escrita é a tentativa de devolver a matéria

ao acontecimento que foi 'destruído' pelo exercício da escrita, tratar-se-á da reposição do acontecimento, da sua aparição como caso visível proporcionado pelo corpo do desenho. Linhas, superfícies riscadas, hipoteticamente ocultadas, apagadas, por vezes, densamente preenchidas. Uma narrativa já longa, episódica, momentos ligados, desligados. O instrumento, folhas brancas, a inscrição. A validação concreta de que «nulla die sine linea» (não passa um dia sem que haja uma marca) é um estado, uma passagem infinita de marcas, pelos dias, pela mundividência oferecida do autor. A presença do desenho que ultrapassa a ilustração do texto representa o mundo. A representação, impondo-se ou retirando-se como presença, conquistada ou, simplesmente fracassada. A oscilação do desenho, o balanço do desvio, a incompatibilidade do sentir, a comunhão, o entendimento que resta ao fruidor das imagens. A experiência oferecida, a possibilidade do encontro, assistido ou retirado.

O que nos mostram estes desenhos são mais do que a simples aparência como imagem de algo, apelam à memória, à relação das coisas no mundo, ao sentir próprio e do outro, distante ou próximo, compreensível ou indecifrável.

Estas imagens são o desvio da realidade, do texto programado, quer no modo traumático da sua presença quer na resolução simbólica da sua existência.

Nessa troca simbólica reside o seu valor de uso que diariamente o autor nos dá a ver para que nós possamos imaginar a possibilidade informada pela notícia.

O texto é para o autor o pretexto do desenho e o desenho é para o leitor o motivo de leitura. No melhor dos casos, trata-se de um percurso na aproximação à mínima presença da imagem.

O desejável efeito mínimo resulta da sua auto-construção na expectativa de 'tornar visível' o invisível.

A curiosidade suscitada por estes desenhos, o modo pelo qual nos aproximamos deles, procurando-os, diariamente, deriva do modo de conjugar a diferença, evocando a

amabilidade da experiência. Um desenho que não pacifica o conflito, pelo contrário, ao permitir a mobilidade da diferença, evoca a generosidade da dádiva, a surpresa do devir. A criação torna-se a presença do desenho.

Graça Magalhães, professora Univ. Aveiro

## desenhos amor-ais

Desenhos amor-ais, vem justificado pela urgência do erro que escapa à razão sensora. Muitos destes desenhos são irreflectidos.

E por isso, servirão de pretexto à psicanálise social. Na urgência do tempo que resta, entre o final da tarde e o início da noite, por vezes sob o incómodo da situação em trânsito, por vezes em lugares distantes e sob diferentes fusos horários, lá vem o texto anónimo propor-se como um jogo, provocante, convocando o automatismo da resposta; repetindo-se todos os dias do ano este exercício é uma celebração diária, vitalícia, frequentemente partilhada por terceiros. Surpreendente, o resultado desvela outras leituras ocultas ou reprimidas, constituindo apelo. Apelo que convoca a beleza sob a forma de liberdade, de satisfação vital, de comunhão, de amor. Amoraís sim, na medida em que se distanciam de todo o moralismo, procurando nos objectos da cultura material, a primazia do artificial e da cultura, enquanto evidência.

Se tivesse que lhes dar nome, preferia reconhecê-los como poemas gráficos ou visuais.

Uma vez fui contactado por uma leitora pedindo esclarecimentos semânticos, mas a proeza não voltou a repetir-se e por isso, ainda que classificado no género comunicativo, este é um exercício de solidão e por vezes de angústia, dirigido pelo necessário afastamento dos estereótipos e pelo desejo de construir metáforas que é como quem diz “pontes” para outros lugares fora do texto.

A finalidade é da humanização pela poesia, da transformação catártica e da sublimação do bruto em belo; uma prova de vida como escreveu o José Leite Pereira, para semear o que houver de memória futura, enuncia Eduardo Madureira Lopes. E assim, antecipando o tempo, o desenho como uma auto-construção de sinais sob a expectativa de dar visibilidade ao invisível, escreve Graça Magalhães, tem uma função catalisadora do génios loci.

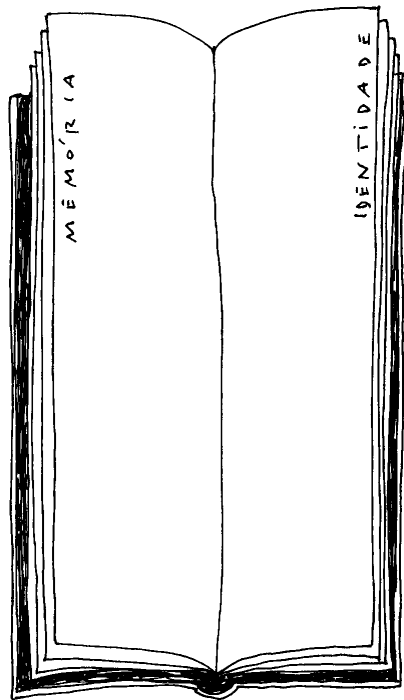
E na insuspeita actividade da comunicação social pode acontecer o desviado envio de mensagens encriptadas em desenhos lacónicos a leitores distantes.

No quase nada destas inscrições  
produzidas com esferográfica bic sobre  
papel de fotocópia, pode caber quase tudo.

Francisco Providência, designer  
e colaborador do JN, 2006/2011

100 desenhos

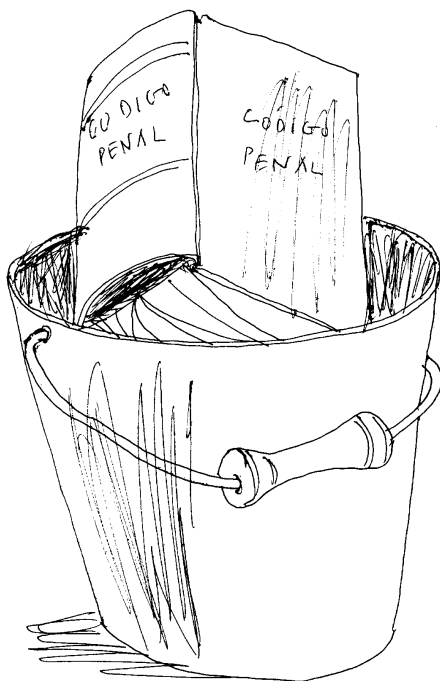




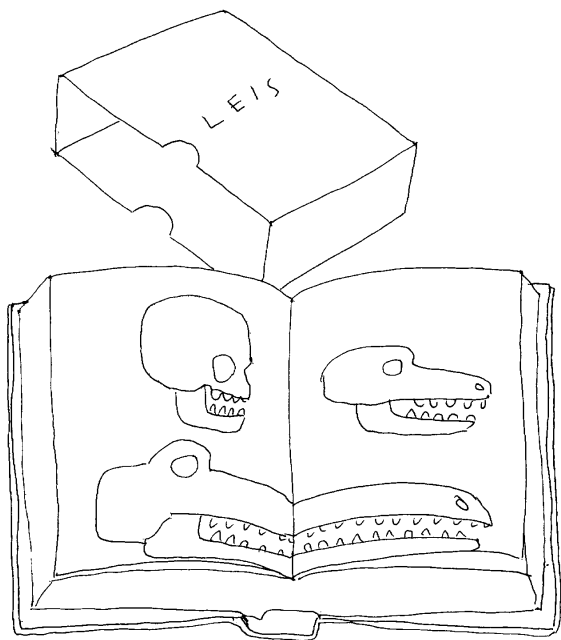
1 outubro 2008



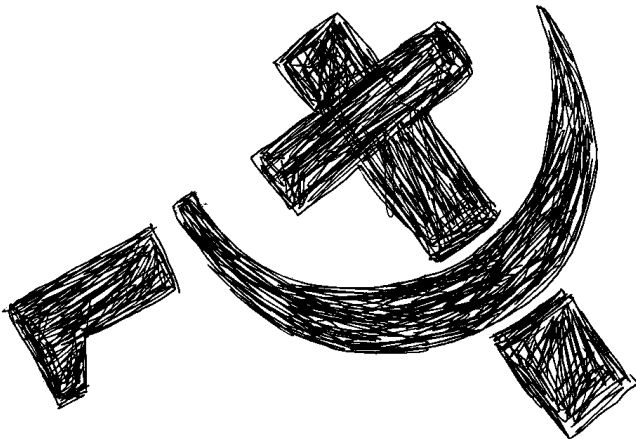
17 settembre 2007



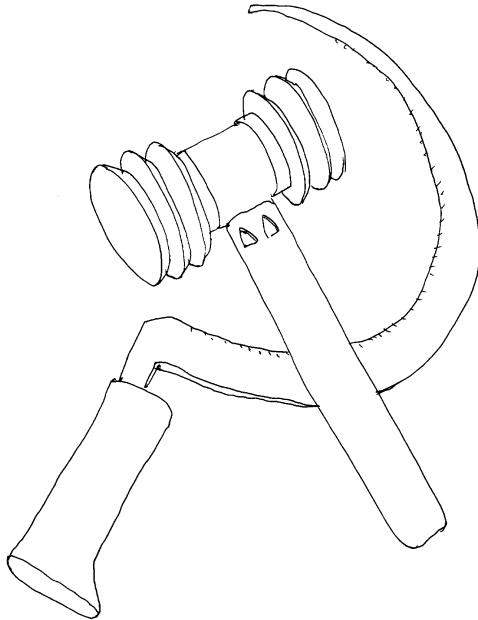
2 março 2009



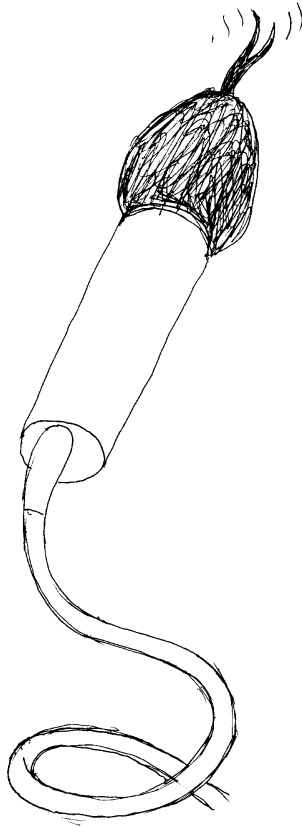
11 abril 2008



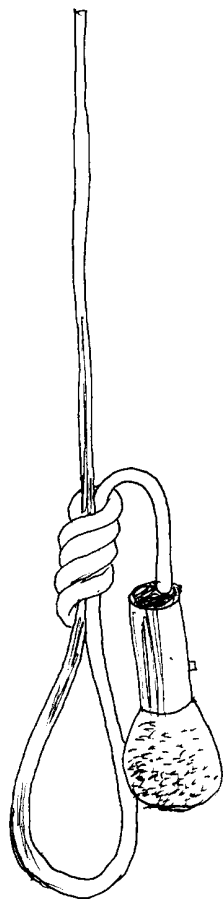
2 abril 2010



26 abril 2007

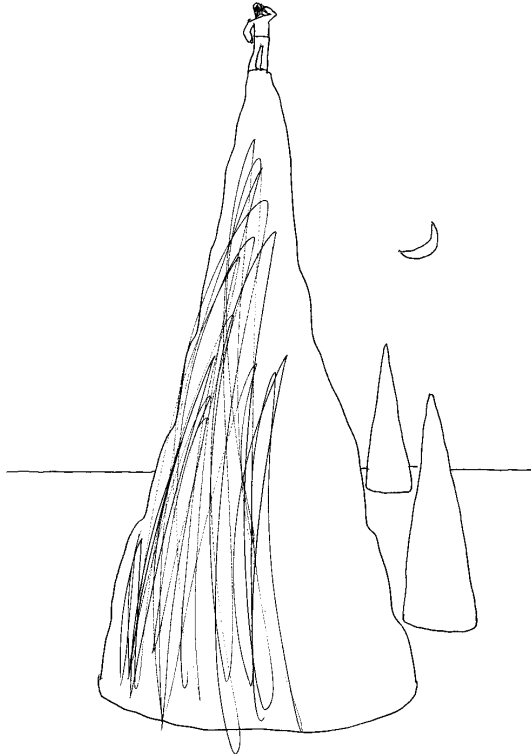


2 maio 2009

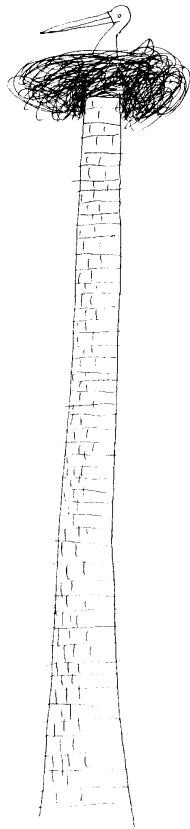


5 settembre 2009

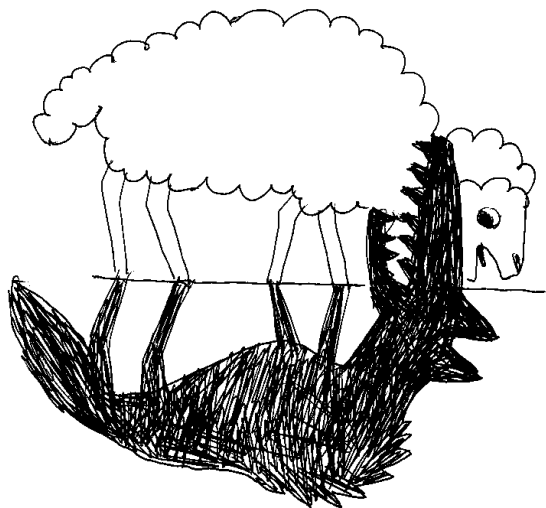




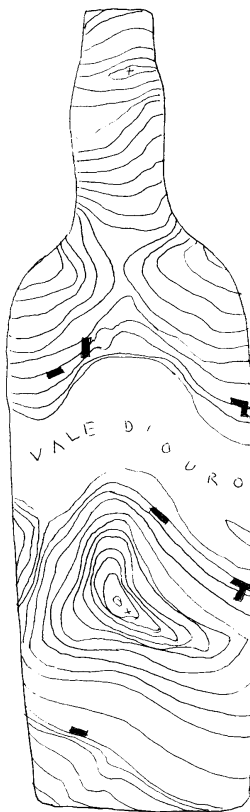
28 janeiro 2010



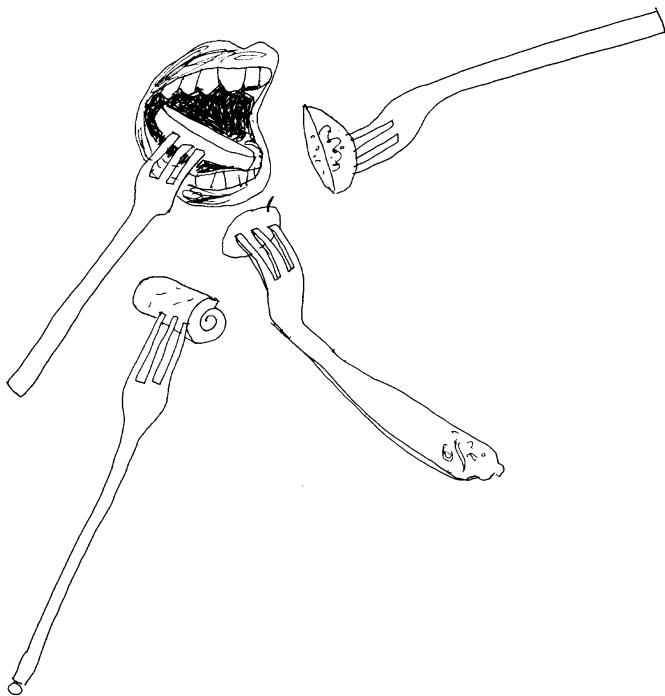
2 julho 2006



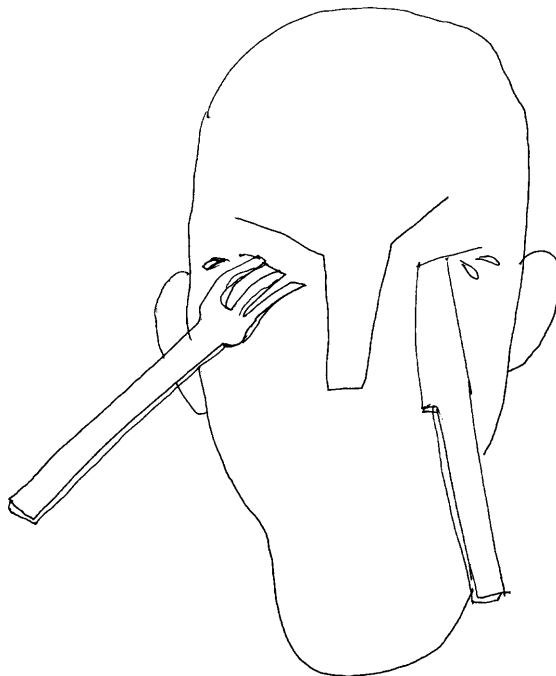
3 abril 2010



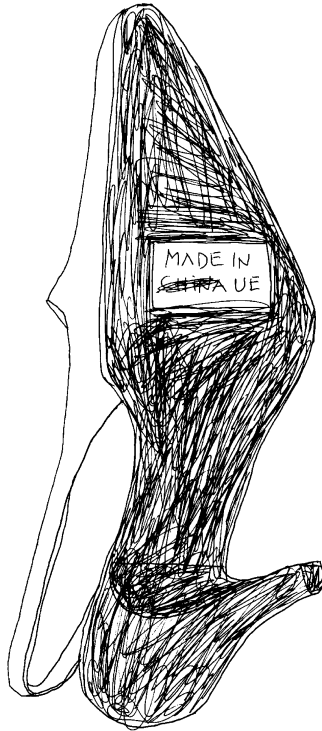
9 maio 2006



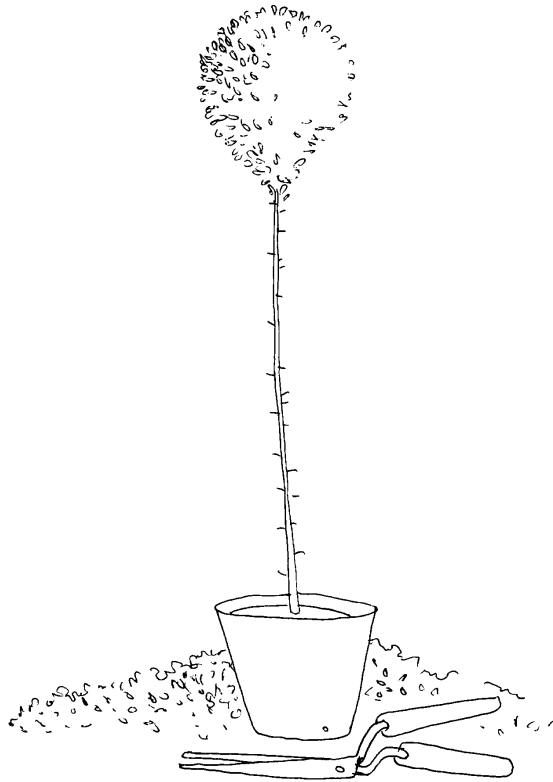
9 janeiro 2007



17 abril 2008

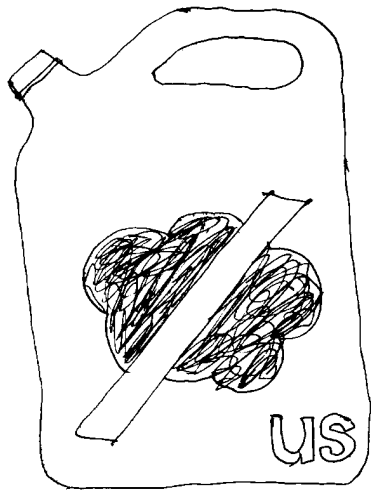
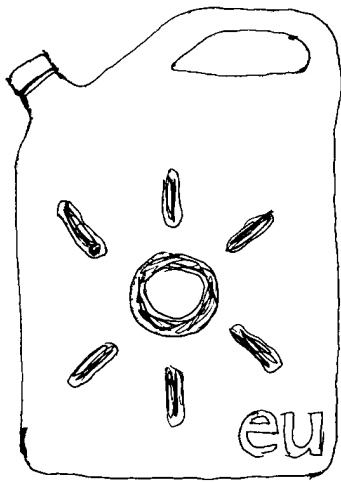


8 outubro 2006

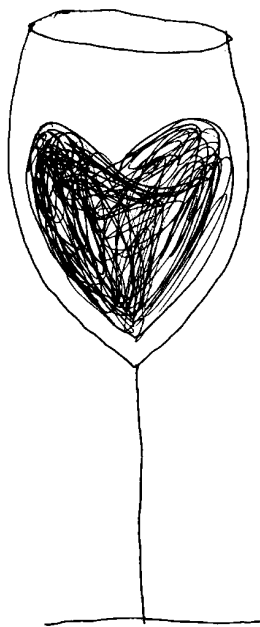


10 abril 2007

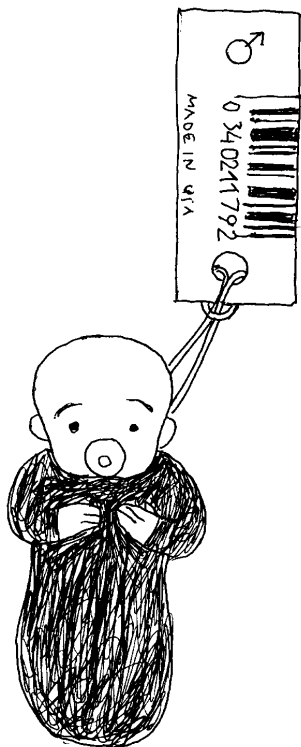




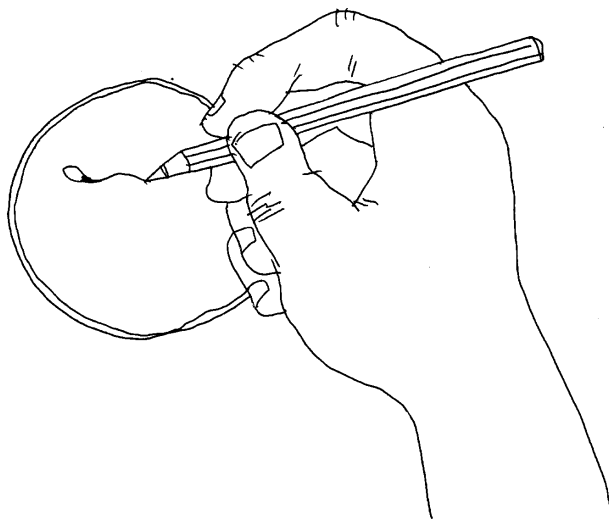
8 julho 2007



18 maio 2008



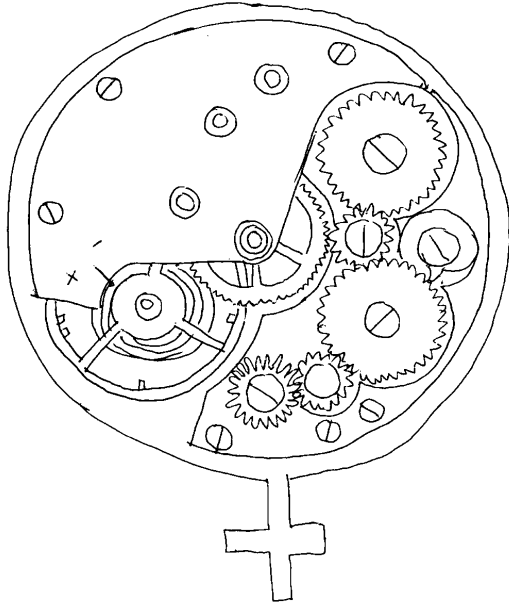
7 julho 2010



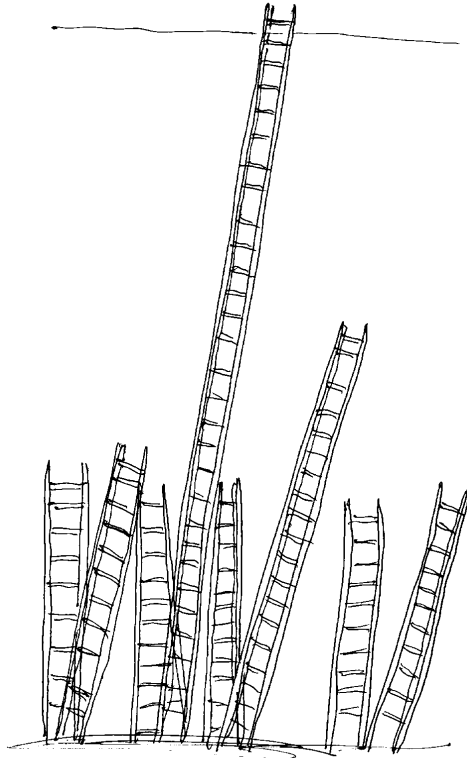
3 fevereiro 2008



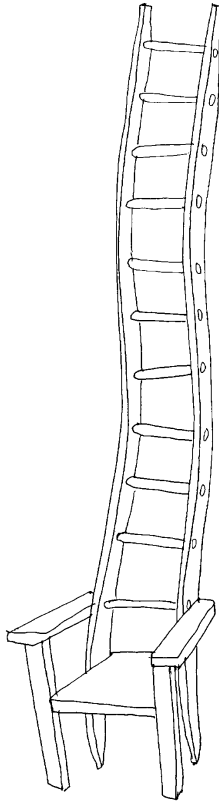
8 março 2009



31 dezembro 2006

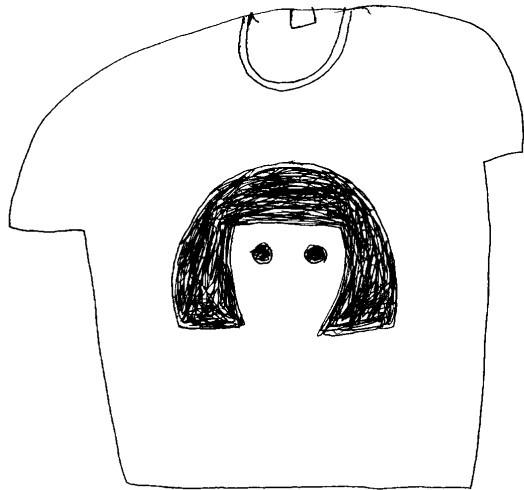


5 maio 2009

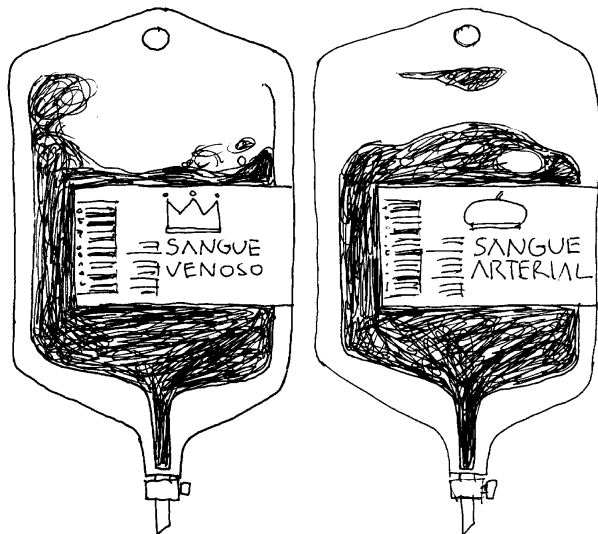


7 abril 2007

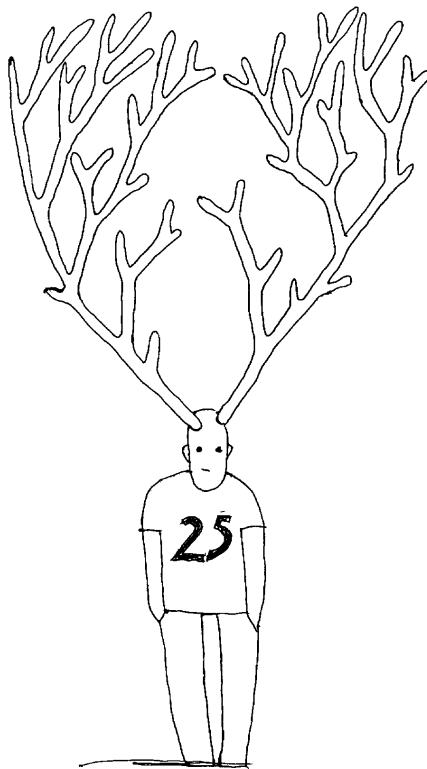




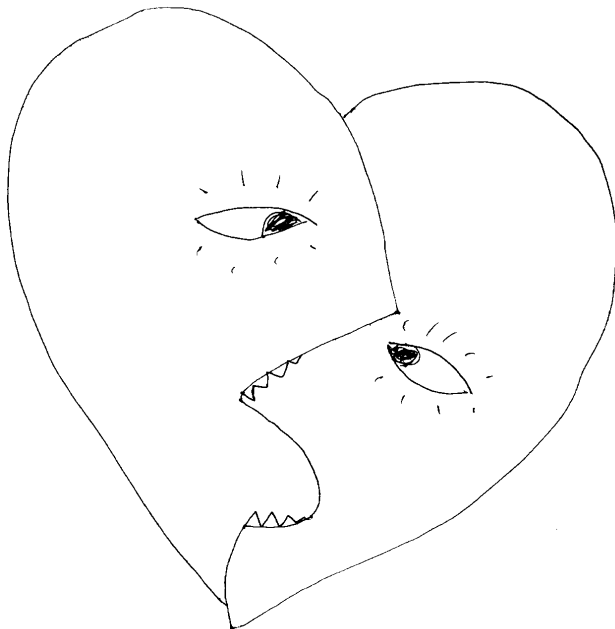
5 outubro 2007



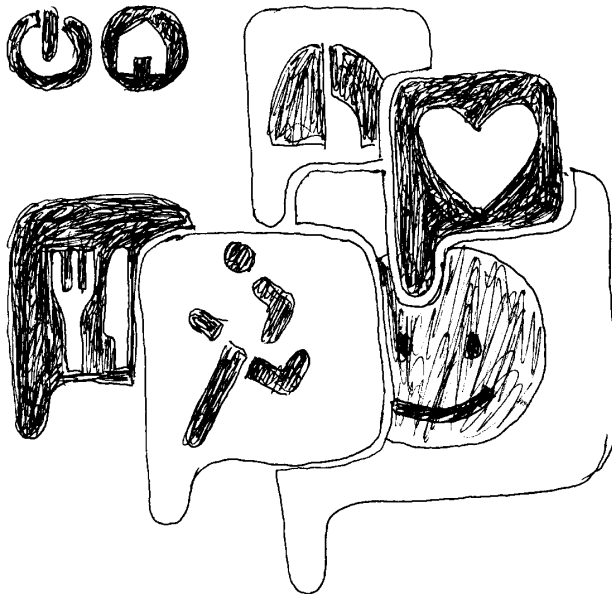
6 outubro 2006



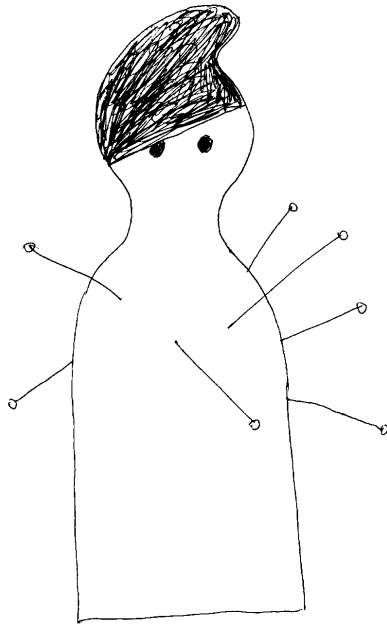
6 agosto 2009



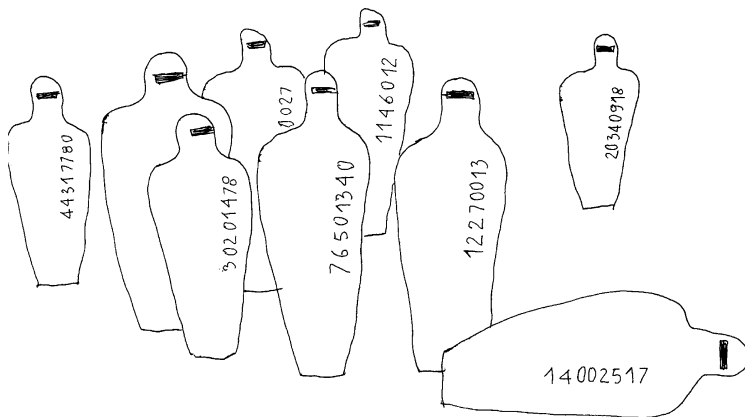
5 junho 2007



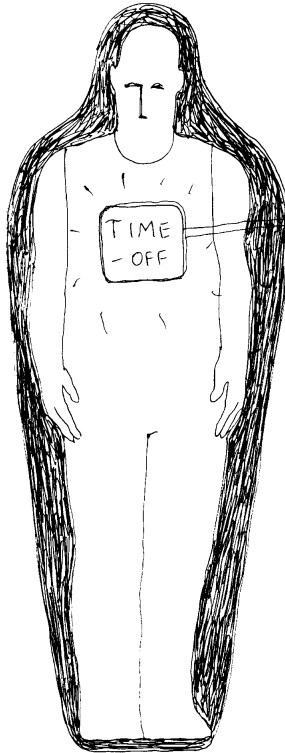
6 settembre 2009



5 dezembro 2009

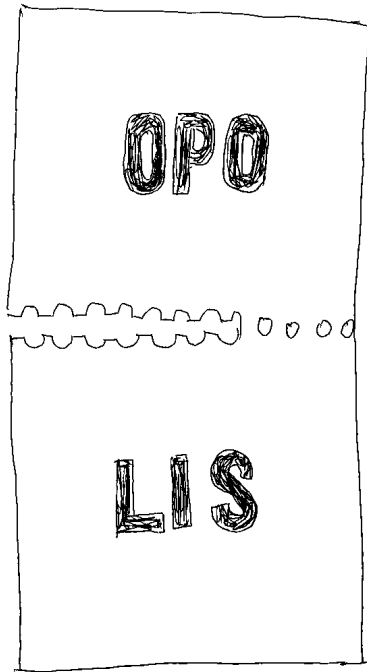


20 março 2006

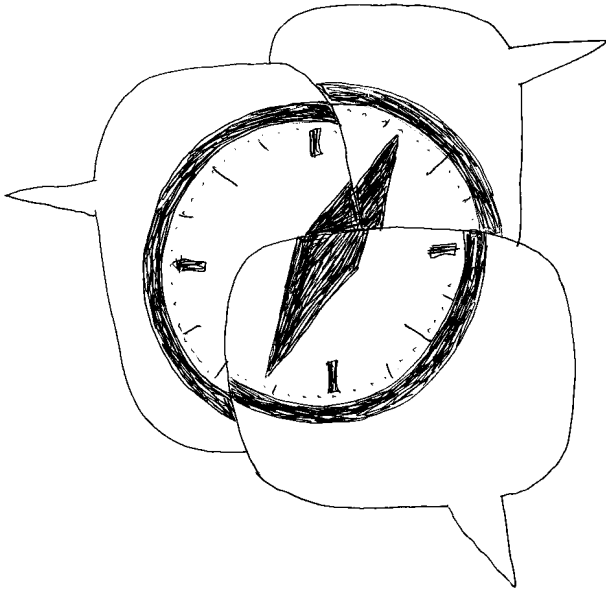


4 maio 2006

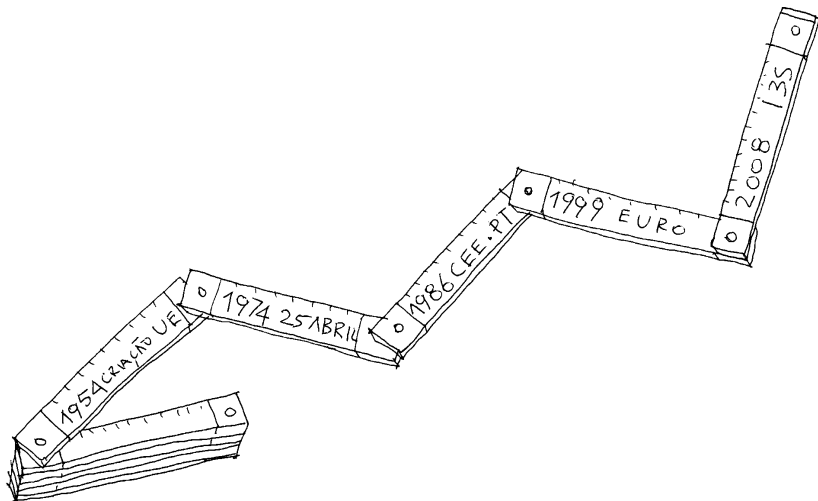




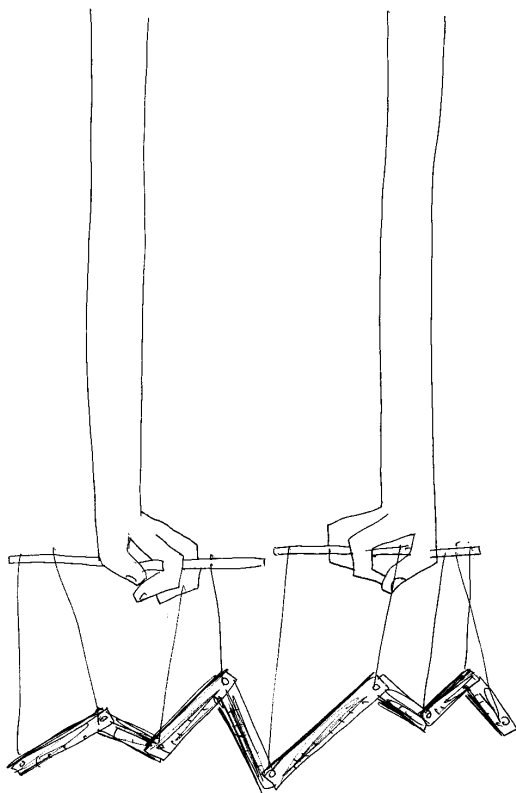
6 agosto 2008



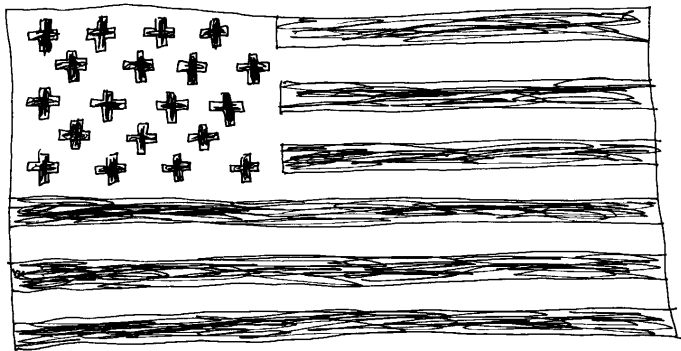
3 maio 2010



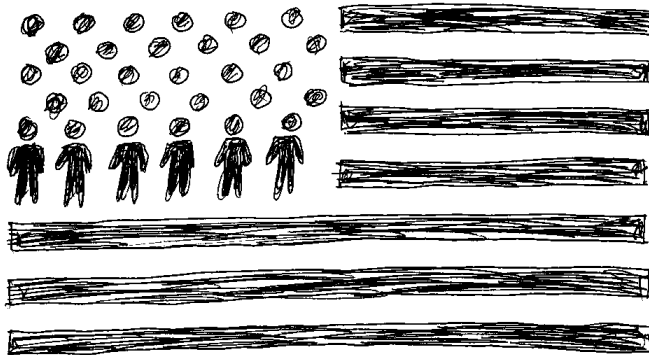
5 fevereiro 2008



14 maio 2010



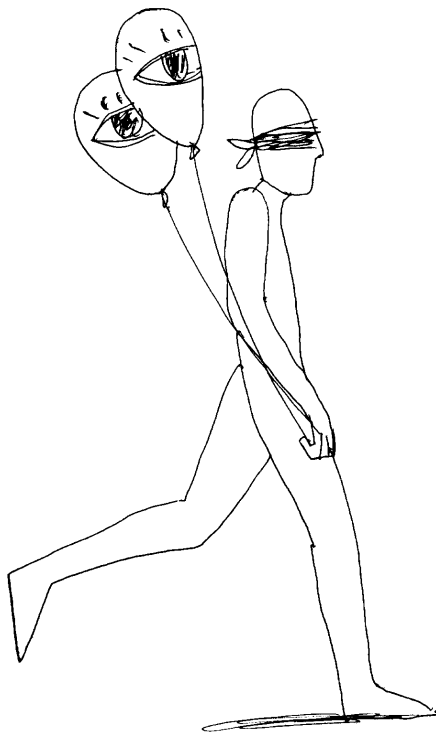
5 junho 2009



28 março 2010



27 junho 2010

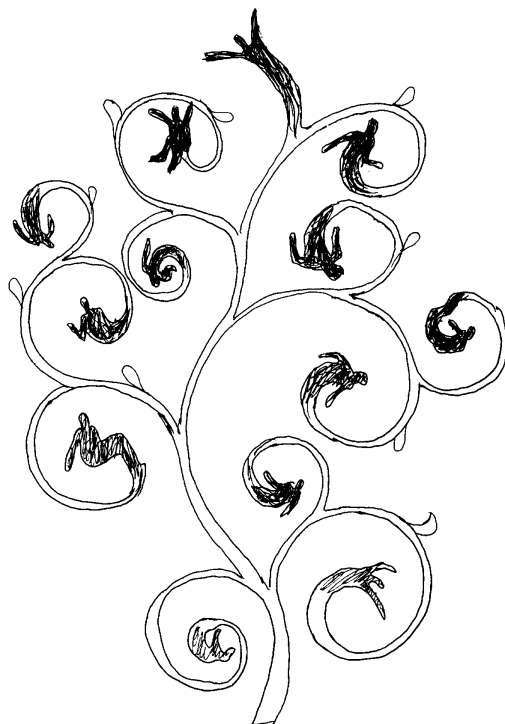


3 dezembro 2008

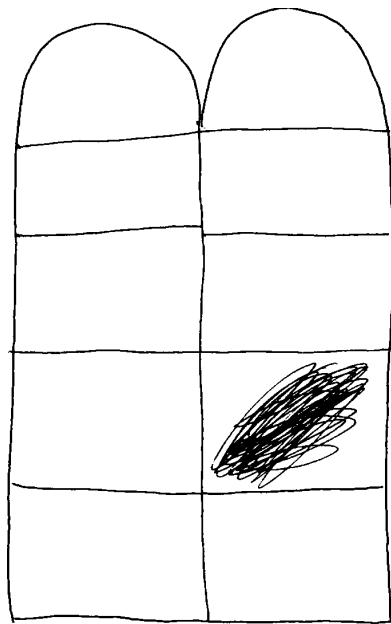


N A D A N A D A N  
A D A N A D A N A  
D A N A D A N A D  
A N A D A N A D A  
N A D A N A D A N  
A D A N A D A N A  
D A N A D A N A D  
A N A D A N A D A  
N A D A N A D A N  
A D A N A D A N A  
D A N A D A N A D  
A N A D A N A D A  
N A D A N A D A N  
A D A N A D A N A

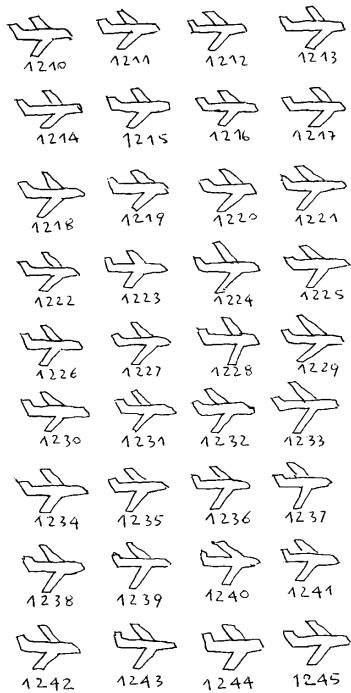
10 julho 2008

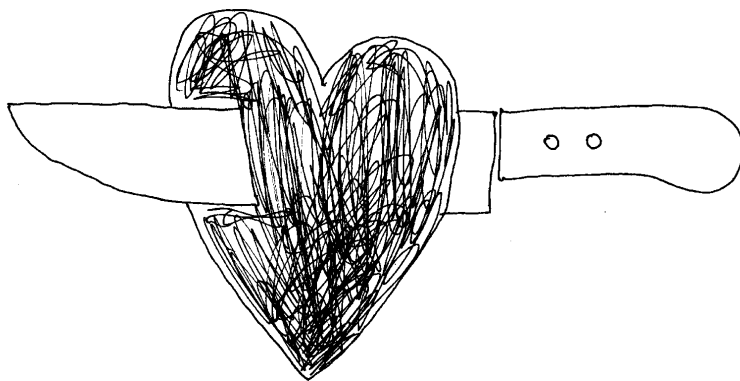


26 junho 2009

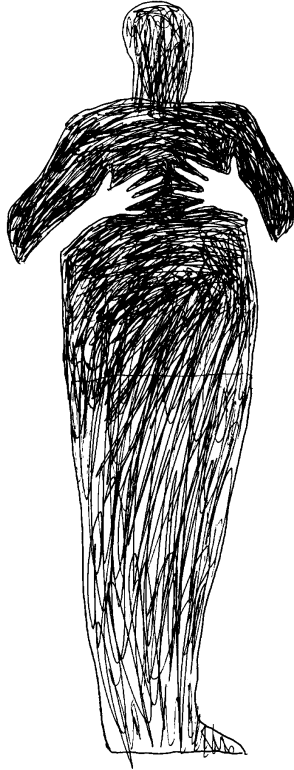


27 abril 2009





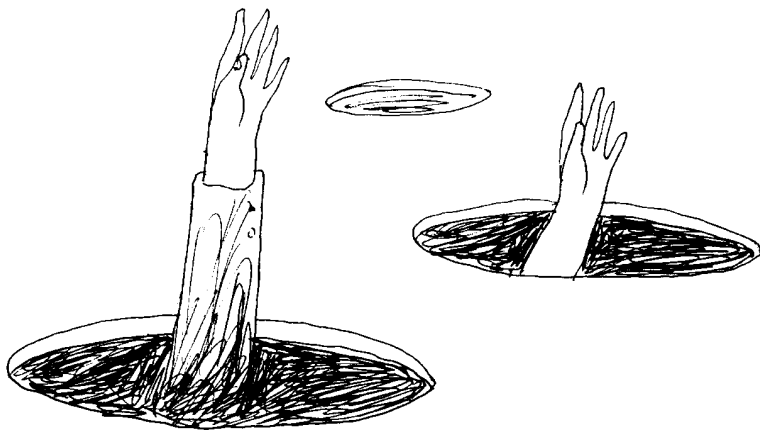
7 outubro 2006



28 abril 2008



3 julho 2010

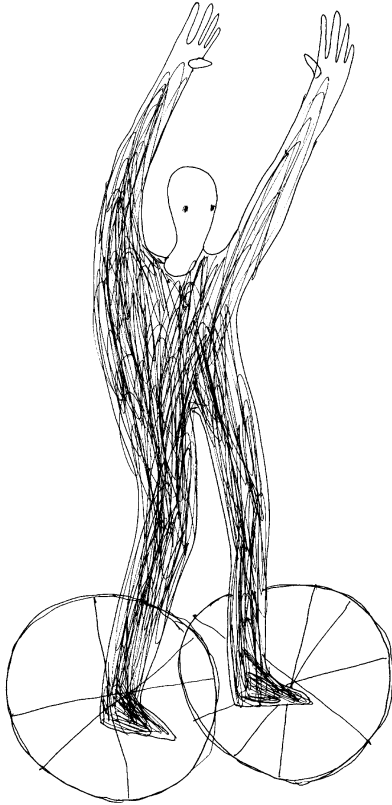


27 novembre 2007





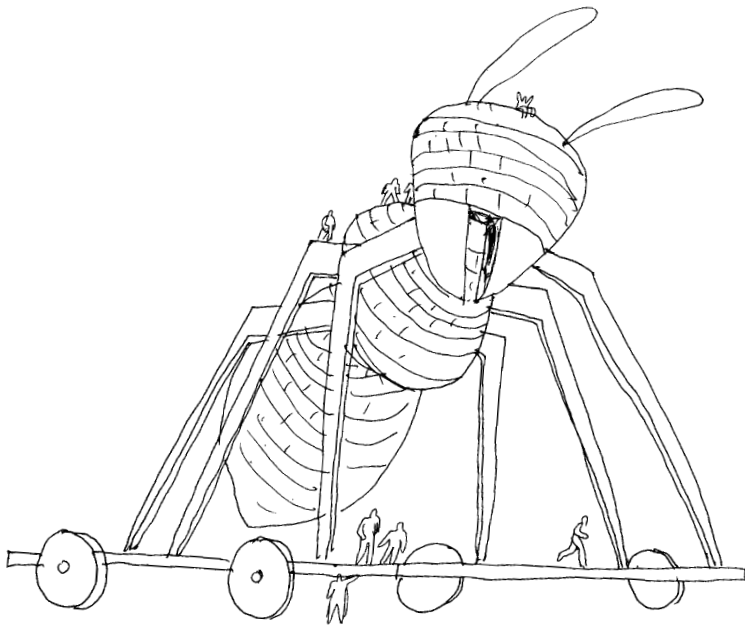
20 janeiro 2009



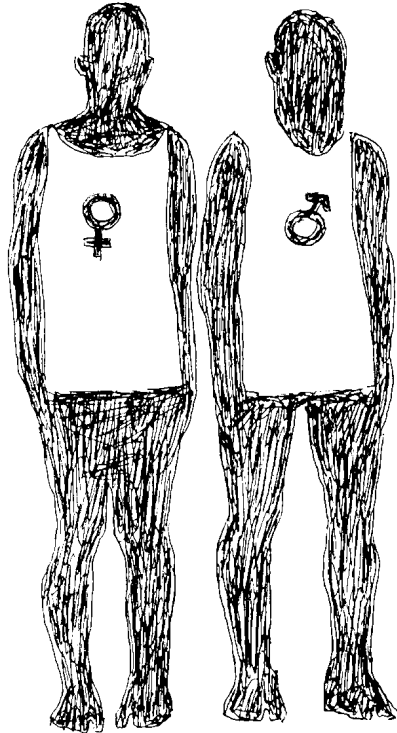
27 agosto 2009



29 janeiro 2009



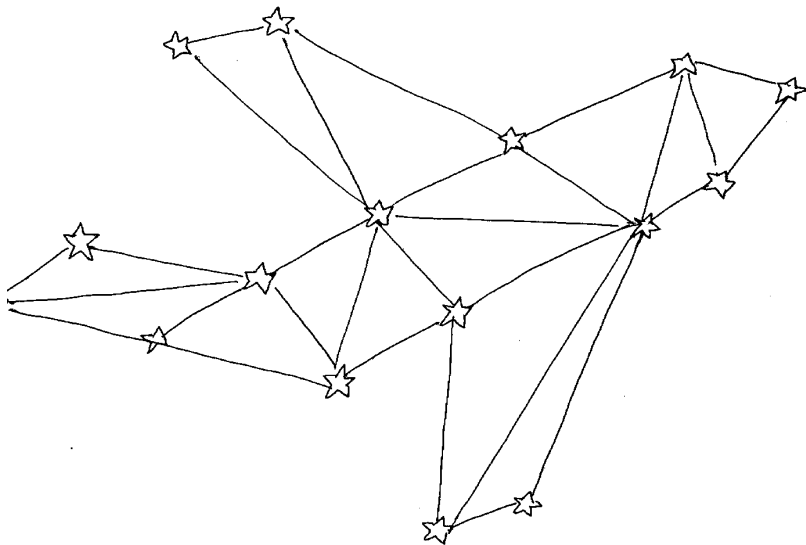
31 outubro 2007



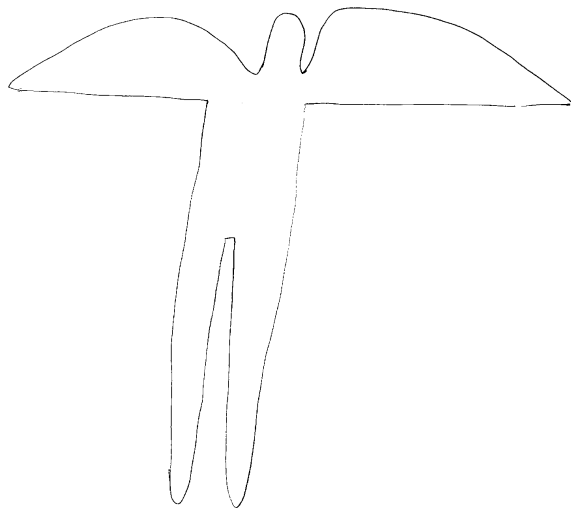
30 settembre 2006



28 abril 2006

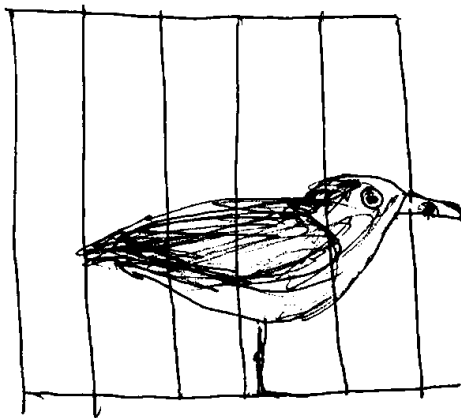


18 abril 2007

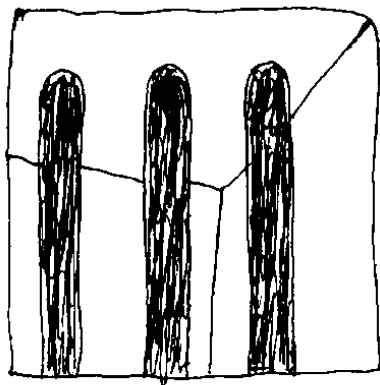


20 junho 2010

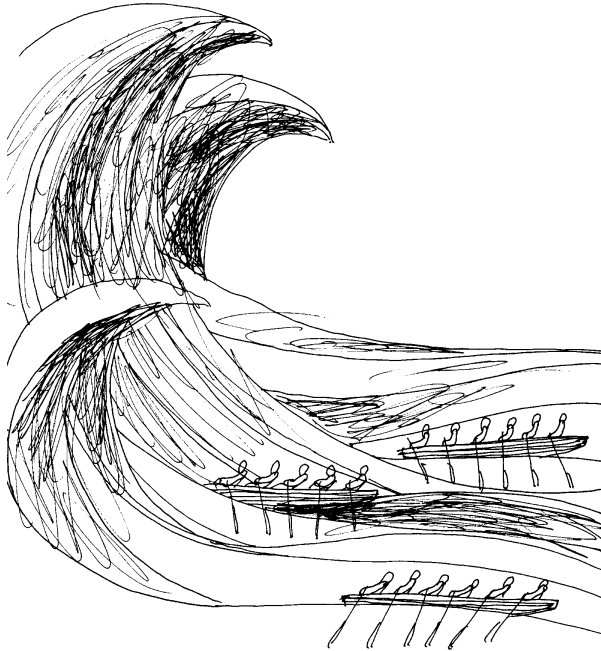




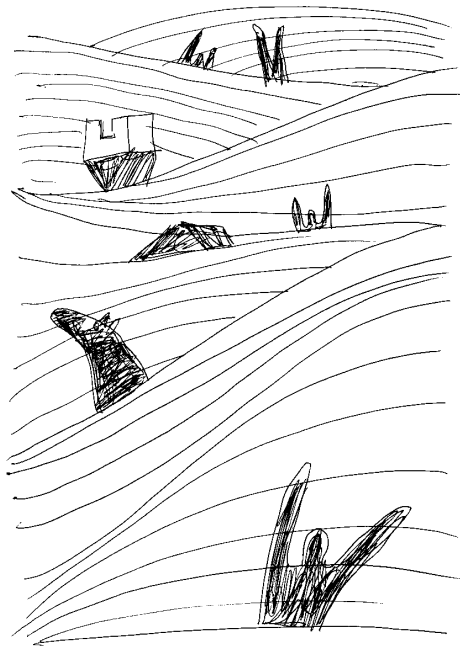
26 abril 2009



12 julho 2006



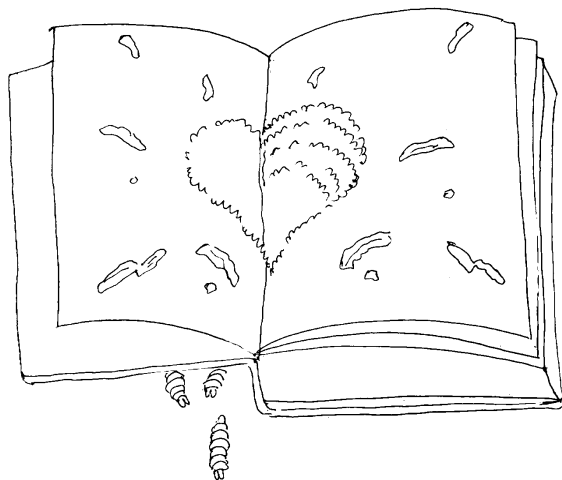
16 agosto 2006



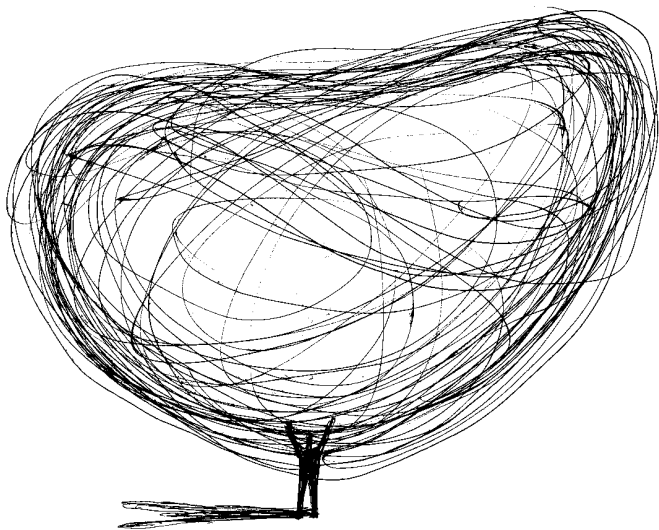
15 janeiro 2010



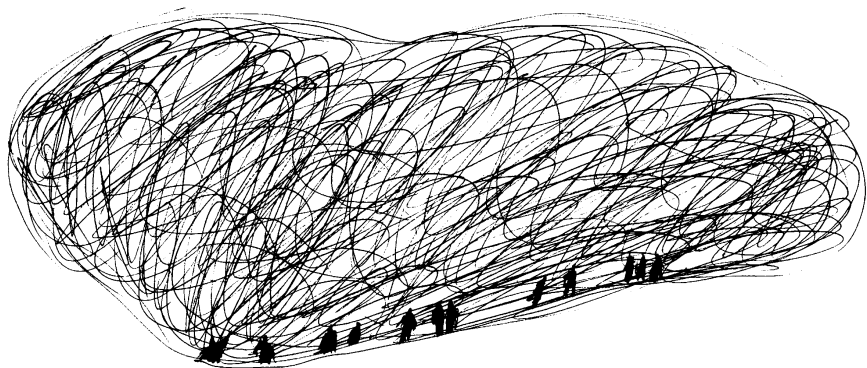
17 janeiro 2009



16 dezembro 2006

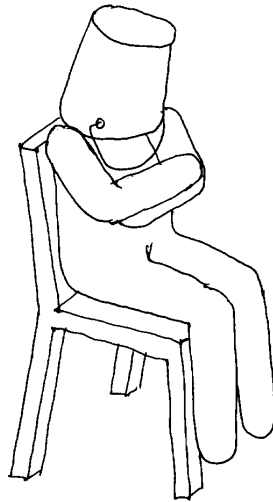


15 fevereiro 2010

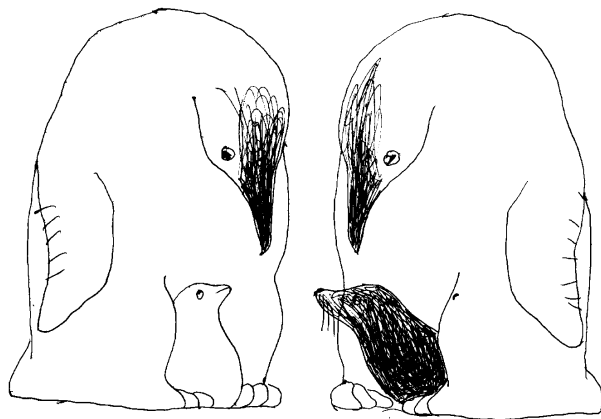


10 agosto 2006

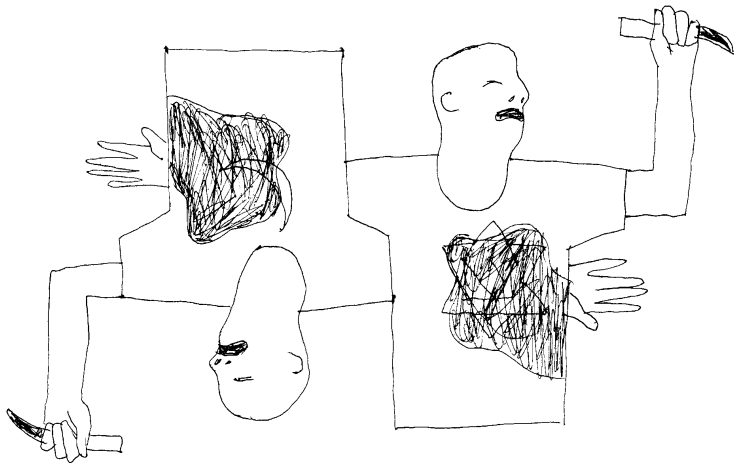




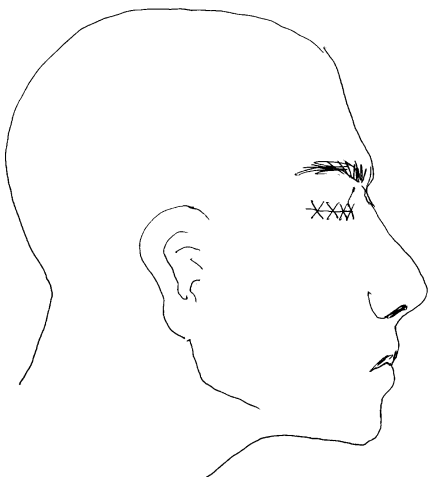
15 abril 2008



15 março 2007



17 julho 2006



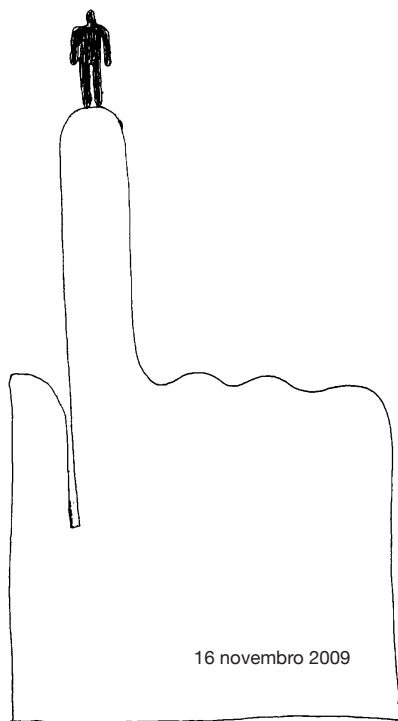
17 março 2008



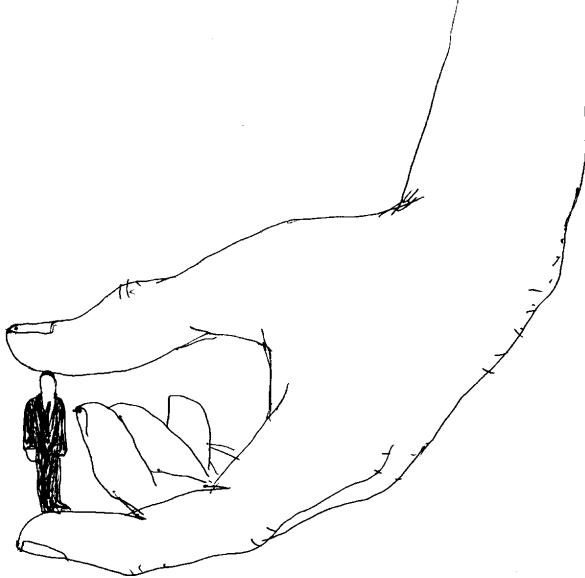
15 settembre 2006



15 julho 2006

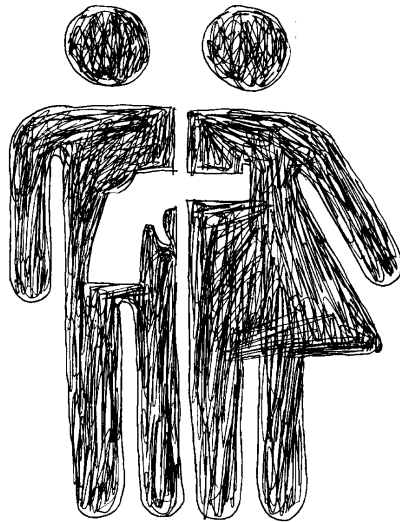


16 novembre 2009



12 dezembro 2006

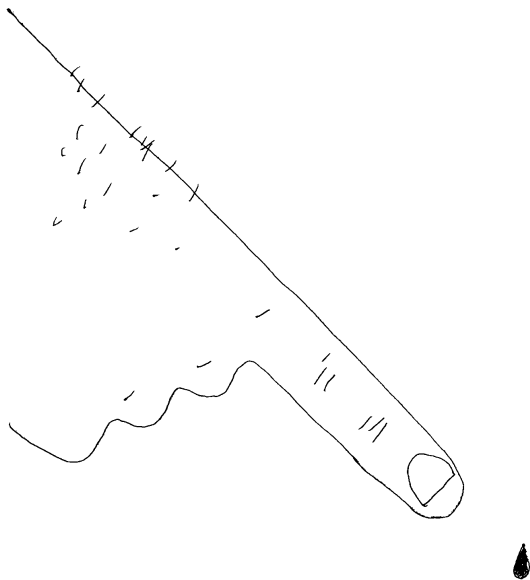




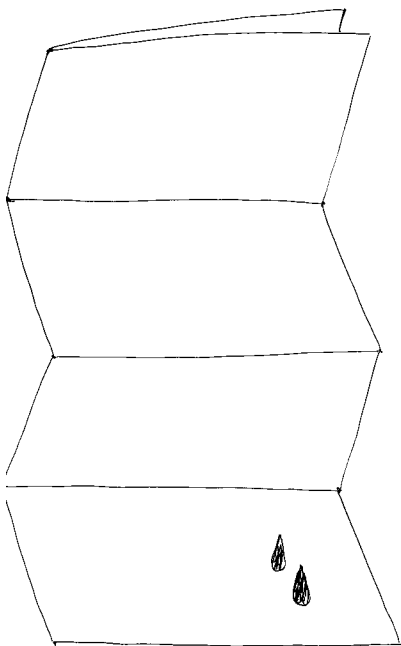
11 julho 2007



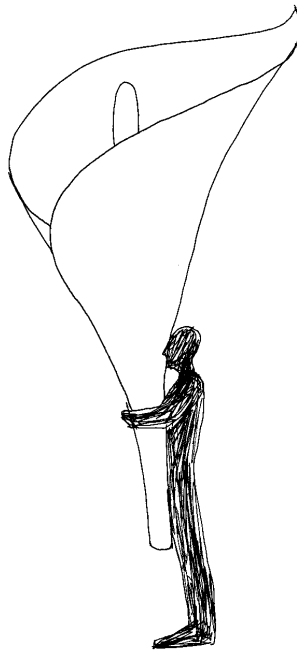
18 settembre 2008



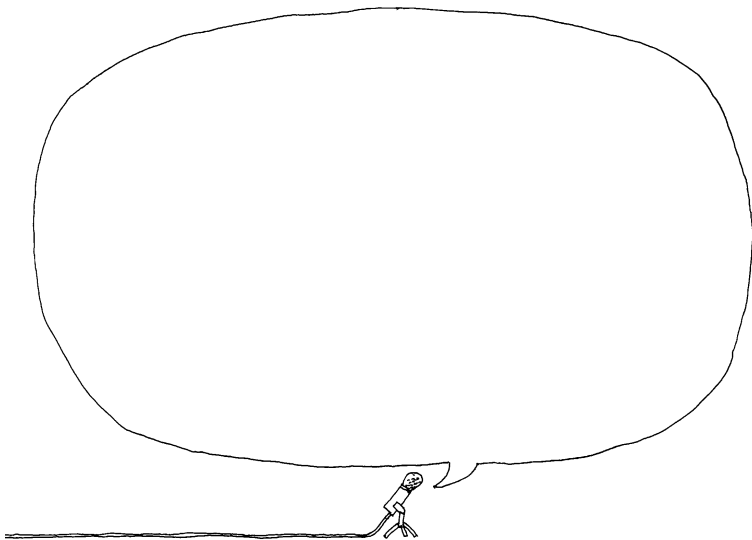
13 agosto 2007



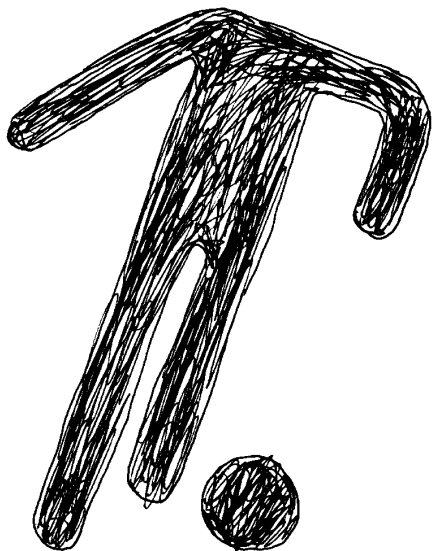
13 janeiro 2010



25 fevereiro 2010



17 agosto 2006

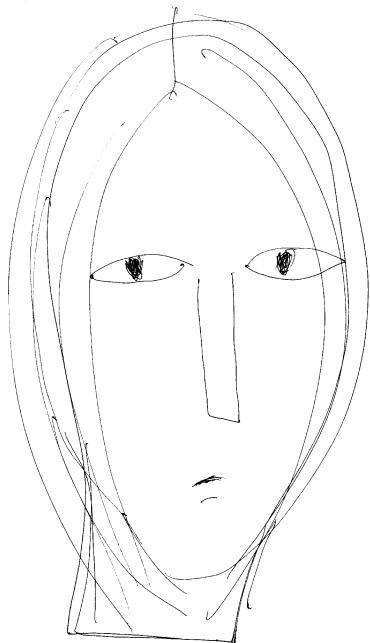


13 maio 2008



17 maio 2009

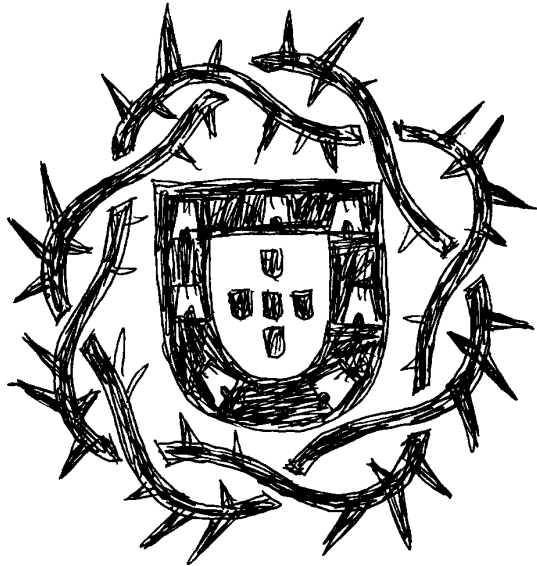




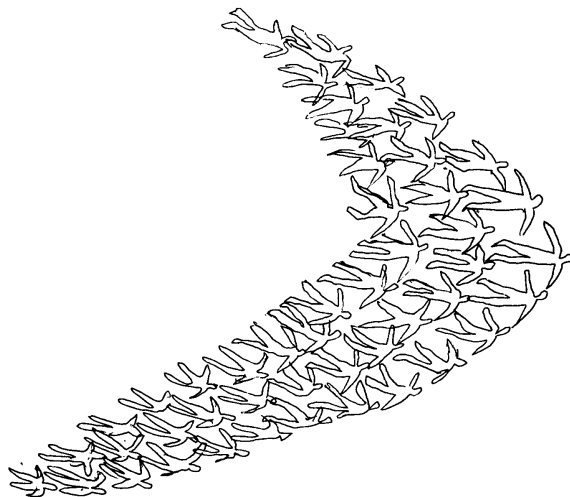
11 julho 2009



13 julho 2009



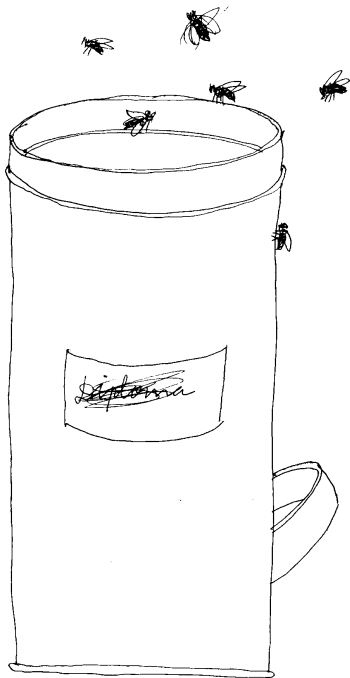
18 maio 2010



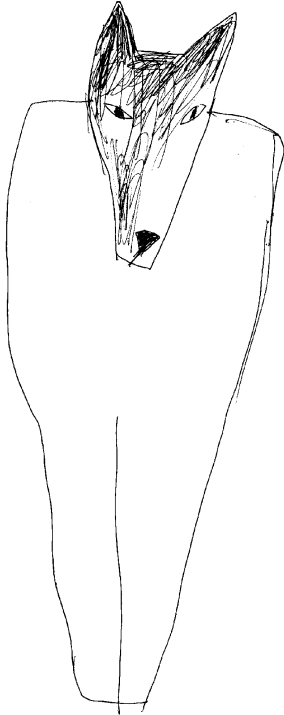
25 março 2008



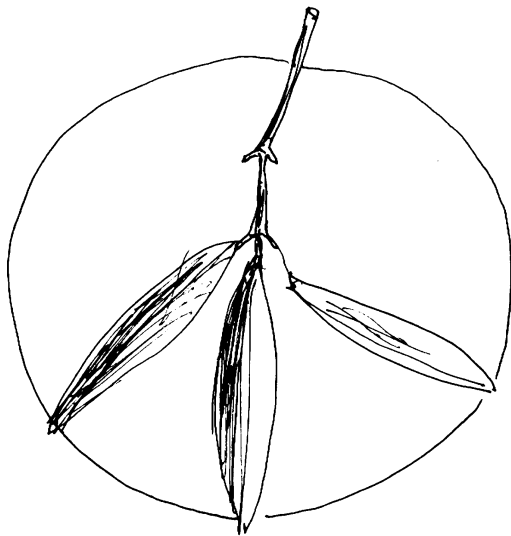
12 abril 2007



16 abril 2007

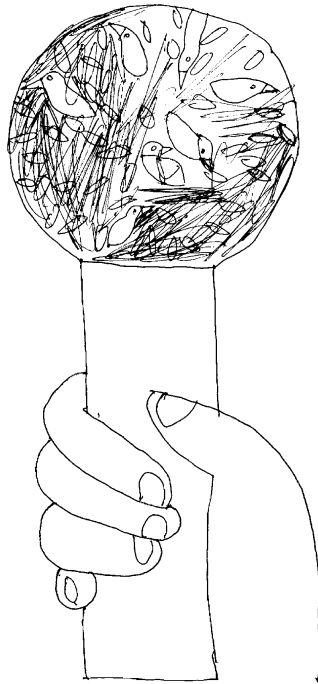


4 outubro 2008

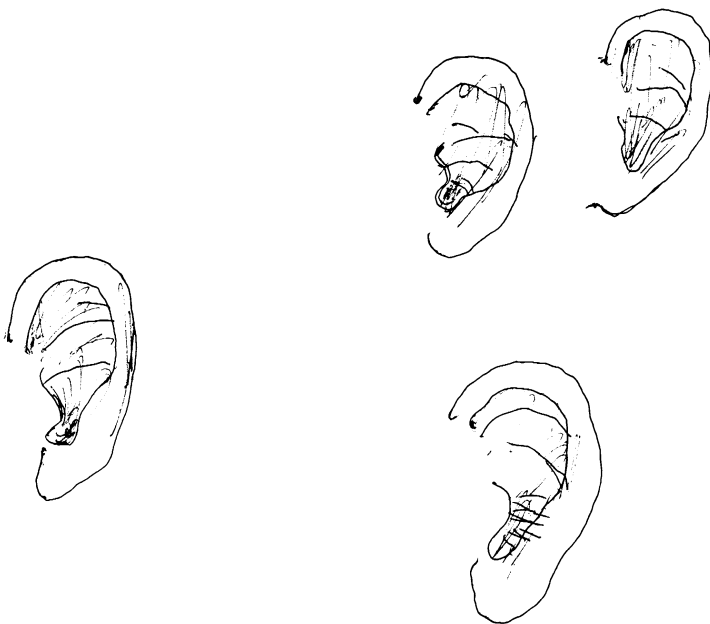


23 dezembro 2008

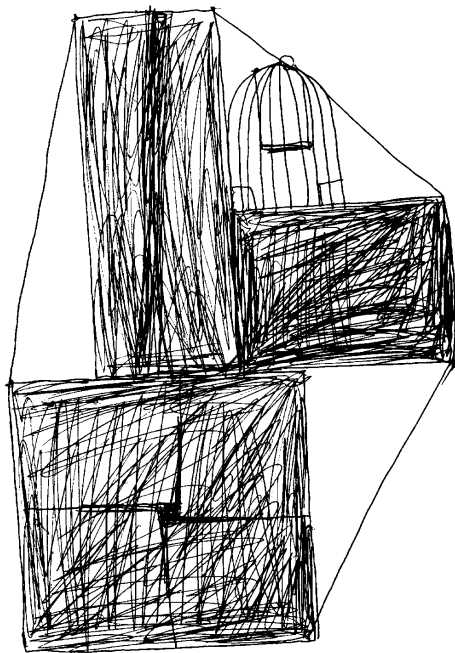




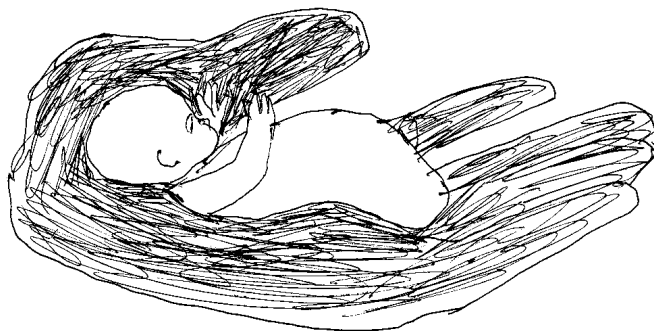
22 outubro 2008



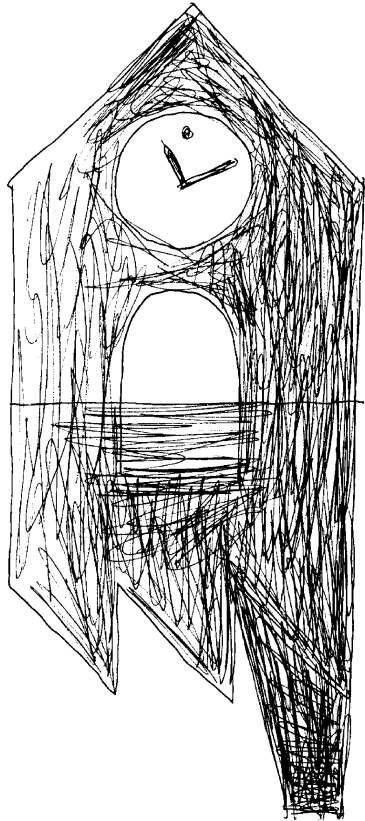
16 fevereiro 2007



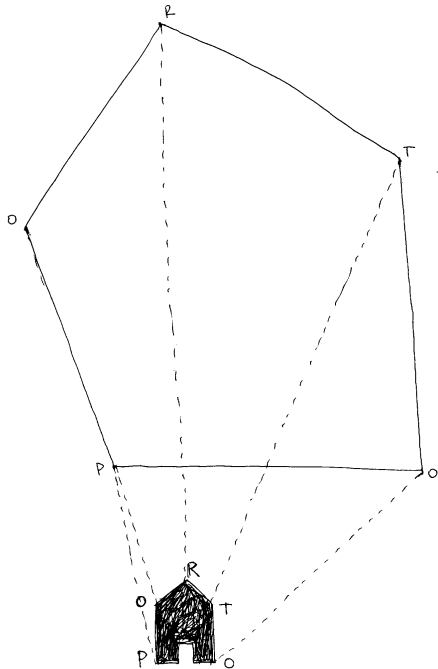
27 outubro 2008



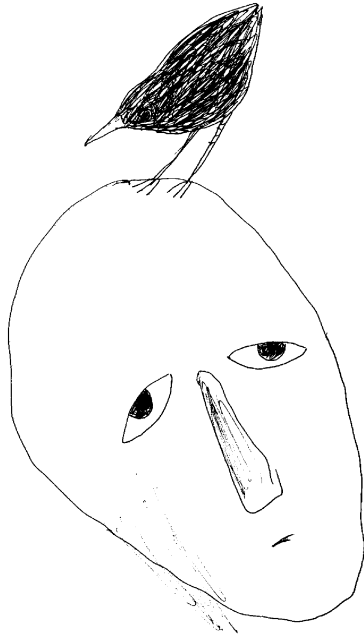
16 janeiro 2010



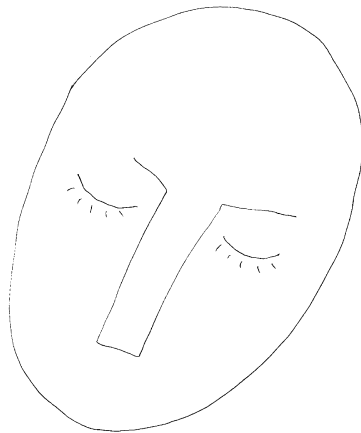
22 julho 2008



28 junho 2007

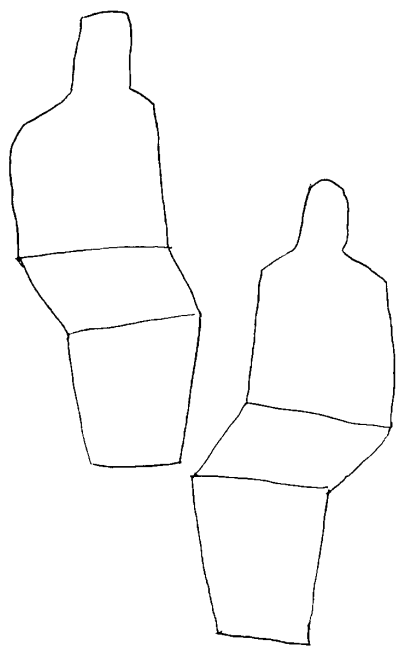


16 abril 2009

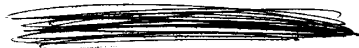


9 agosto 2007

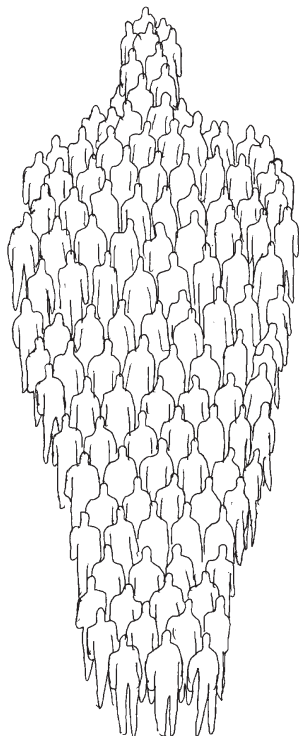




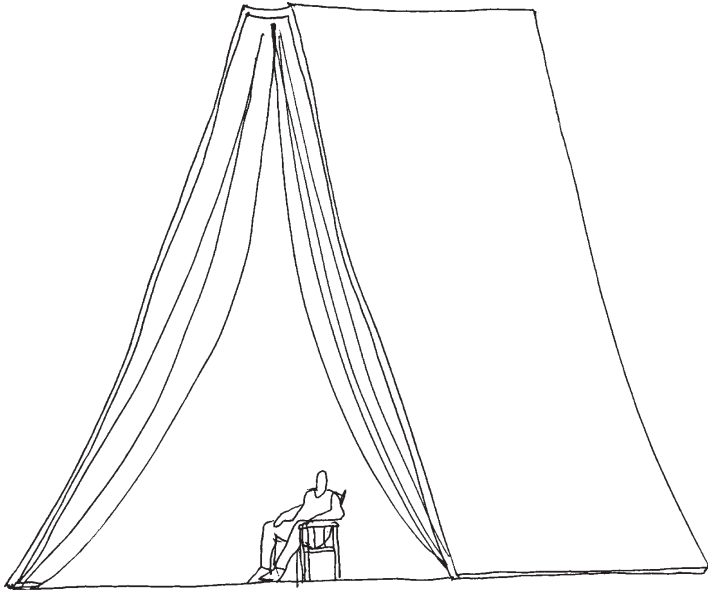
1 maio 2008



20 dezembro 2007



20 julho 2007



19 março 2008



Francisco Providência (Coimbra 1961-) licenciou-se em Design de Comunicação na Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto, tendo tido como professores de desenho Manuel Casal Aguiar e Pedro Rocha. Foi docente de Fotografia e Design na Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto (1985-1986). Foi docente de Desenho 1 e 2 na Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto (1986-1997). Em 1997 integra equipa que organizará a formação em Design na Universidade de Aveiro, onde dirige o Programa Doutoral em Design (em colaboração com a UP). Desde 1985 que mantém escritório de Design, explorando o desenho como instrumento projectual, desenvolvendo a prática de um design integrado (de comunicação, equipamento e ambientes) que alicerça a sua atual prática museográfica. Enquanto co-fundador da unidade de investigação em design ID+/ FCT tem investigado a ontologia do design e a sua

vocação poética como factor de inovação (tema do seu doutoramento). A sua prática profissional foi distinguida com diversos prémios, nomeadamente os Prémios Nacionais de Design (1999), o Red Dot Internacional (2008) e a museografia do Museu de Penafiel, da sua autoria, foi nomeado para o Prémio de Melhor Museu Europeu (2010), tendo sido distinguido como Melhor Museu do ano (APOM, 2010).



[www.providenciadesign.com](http://www.providenciadesign.com)





30 ANOS

**30**

**providência  
design**

design lacónico  
para um mundo  
menos cínico